

A Marcha das Mulheres Indígenas no Brasil

Naya Tawane¹

Essa galeria é resultado da participação da jornalista e fotógrafa Naya Tawane, que em 2021 fez a cobertura da Marcha das Mulheres Indígenas no Brasil. Mas antes de apresentar as imagens impactantes e belas do movimento, Naya apresenta também um relato sobre essa sua experiência. Esse relato inclui ainda falas decorrentes desse contato jornalístico como algumas personagens que compõem a sua rica galeria. A galeria por si só, já diz muito. São imagens que evidenciam o drama dos povos indígenas no Brasil, em sua marcha contra a opressão, o descaso, o esquecimento e a invisibilidade do poder público brasileiro.

Essa é a primeira galeria a compor as edições de HALAC. E ao mesmo tempo foi uma ideia que surgiu como uma possibilidade diferente em abordar a temática proposta pelo dossiê “Justicia ambiental: historias de opresión, injusticia y resistencia desde América Latina”. Em uma conversa virtual entre os editores no planejamento do dossiê,

¹ Graduada em Jornalismo (Universidade Paulista), Jornalista da agência Brasil de Fato e TV Comunitária de Brasília. E-mail: nayatawane97@gmail.com

foi ventilado a possibilidade de não termos apenas a forma clássica do produto da academia, centrada no formato de artigo científico. Mas que também outras vozes, outras linguagens e outras narrativas pudessem auxiliar na tarefa de apresentar o complexo teor reflexivo que envolve a justiça ambiental na América Latina. E a linguagem da arte como expressão de justiça ou injustiças ambientais seria uma importante contribuição. Desta forma, as fotos que compõe essa rica galeria fazem parte desse conjunto de intenções do dossiê. Ela representam a resistência de um povo contra injustiças históricas, expressas no movimento popular indígena que aconteceu no Brasil em setembro de 2021, como verão adiante. Fotos que evidenciam vigílias dos povos indígenas em frente ao Superior Tribunal Federal, em Brasília, defendendo a demarcação de terras. Também que mostram o ato simbólico do movimento em frente à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), denunciando os ataques contra as comunidades indígenas em diferentes regiões do Brasil. Ou outras, com as imagens das mulheres da etnia Kayapo, dançando sua ancestralidade em Brasília. E outras imagens de denúncia e resistência contra a violência e o avanço do feminicídio no Brasil, na manifestação contra a morte de Daniele Kaingang, uma jovem indígena de 14 anos que foi brutalmente assassinada na reserva indígena no Noroeste em Rio Grande do Sul.

Editores

Gallery

Indigenous Women's March in Brazil

This photo gallery results from coverage of the Indigenous Women's March in Brazil (2021) provided by journalist and photographer Naya Tawane. Before presenting the powerful and beautiful images of the movement, Naya also offers a report relating to her experience in documenting this event. This report also includes testimony derived from this journalistic contact with some of the participants who make up this rich gallery of images. The images themselves say a great deal. They are images that reveal the drama of the indigenous people of Brazil, in their march against legacies of oppression, marginalization, and neglect on the part of the Brazilian government.

This is the first photo gallery to accompany an issue of HALAC. At the same time, it is an idea that arose in connection with the possibility of doing something different in connection with the themes of this dossier—environmental justice and histories of oppression, injustice, and resistance throughout Latin America. During a virtual meeting among the editors, the idea was broached to add something beyond the classic form of academic papers in the presentation of our theme. In essence, we

believe that other voices, other languages, and other narratives can help in the task of presenting the complex (and reflexive) content implied by the theme of environmental justice in Latin America. The language of art as an expression of environmental justice, or injustice, can offer an important contribution along these lines. In this way, the photos that make up this rich gallery are part and parcel of the intentions of this dossier. As readers will see, these images represent the resistance of a people against historical injustices as expressed in the indigenous popular movement that took place in Brazil in September 2021. Here, readers will see photos that show indigenous activists holding vigil in front of the Supreme Court, in Brasília, defending the demarcation of their ancestral lands. Readers will also see the symbolic act of the movement before the steps of the FUNAI, denouncing attacks against indigenous communities in various regions across Brazil. And yet in others, one sees images of women of the Kayapo nation dancing their ancestry in the streets of Brasília. And yet in other images, readers will confront images of denunciation and resistance against violence and femicide in Brazil, in the demonstration against the killing of Daniele Kaingang, an indigenous girl of fourteen who was brutally murdered in her indigenous reservation in northwestern Rio Grande do Sul.

Editors

GALERIA

“**S**e eu assumir como presidente da República, não haverá um centímetro a mais para demarcação”². Essas foram as palavras proferidas por Jair Messias Bolsonaro em fevereiro de 2018, em uma entrevista enquanto ainda era deputado federal e pré-candidato à Presidência da República no Brasil. No mesmo ano, Bolsonaro venceu as eleições para a presidência do Brasil e a desde o momento da sua posse, os povos indígenas e originários das terras nacionais passaram a ter clara consciência de que os ataques políticos contra os seus direitos seriam intensificados.

Nesse mesmo ano, no Acampamento Terra Livre – que é a maior mobilização dos povos indígenas do Brasil, e que há 17 acontece em Brasília, capital federal –, cerca de 100 mulheres que participavam do evento, se reuniram, sentadas no gramado do acampamento, para formarem um roda de conversa. Nessa reunião elas passaram a deliberar sobre a necessidade de uma mobilização exclusiva de mulheres indígenas, tendo em vista as particularidades do movimento feminino nos territórios, na cidade, nas universidades e em outros vários espaços sociais.

Em agosto de 2019, aconteceu a primeira grande Marcha das Mulheres Indígenas, e que teve como tema “Território: nosso corpo, nosso espírito”. Nesse mesmo ano a capital federal recebeu cerca de 4 mil mulheres que acamparam durante quatro dias no centro cívico de Brasília, realizando diversas atividades como rodas de conversa, atos públicos, marchas, apresentações culturais e deliberações políticas. As mulheres indígenas demarcaram o front da luta contra o retrocesso socioambiental representado pelo governo do presidente Jair Bolsonaro.

² Adriano Moretto e Gizele Almeida. 08 fevereiro 2018. Disponível em: <https://www.douradosnews.com.br/dourados/bolsonaro-se-eu-assumir-indio-nao-tem-mais-1cm-de-terra/1074774/>

O ano de 2020 foi particularmente trágico em todo o mundo. E com a pandemia do COVID-19, as incertezas políticas pioraram, e a sobrevivência dos mais de 250 povos indígenas do Brasil se transformou em uma gravíssima ameaça. De acordo com o relatório do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o assassinato de indígenas aumentou 60% em 2020³. E parte dessa violência esteve associada à defesa do território originário das comunidades indígenas brasileiras. Os territórios são considerados pelos indígenas como parte integrante da sua existência (vida). E esses mesmos territórios passaram a sofrer ameaças em função do avanço de invasões fundiárias e o agravamento de incêndios e desmatamentos. De acordo com estudo do Atlas da Violência, no mesmo ano de 2020, foram registrados 263 casos de invasões e explorações ilegais dos territórios, que atingiram cerca de 200 terras e 145 povos indígenas no Brasil⁴. Diante deste contexto, as mulheres indígenas perceberam a urgência de denunciar e continuar na linha de frente contra esses e outros ataques. Em setembro de 2021, com o tema “Mulheres originárias: reflorestando mentes para a cura da Terra”, aconteceu em Brasília a segunda edição da Marcha das Mulheres Indígenas.

A luta dos povos indígenas sempre me inspirou. Ver essa população que resiste há mais de 500 anos e que muitas vezes é esquecida diante de outras lutas sociais, me trouxe um novo brilho nos olhos, me encorajando a somar a esse movimento como uma outra aliada, para fazer ecoar a resistência desse povo originário. Acompanhar as duas grandes Marchas das Mulheres Indígenas foi mais do que um evento de ordem profissional, mas sobretudo foi um momento especial de experiência e um aprendizado pessoal. Nas caminhadas pelo acampamento, eu pude ver que a luta original e a ancestralidade continua sua trilha geracional. Eu pude conhecer mulheres com mais de 80 anos e outras mais jovens, outras acompanhadas de crianças recém-nascidas, partilhando nos acampamentos de uma solidariedade ancestral – compartilhando da mesma alimentação, do mesmo teto, da mesma água e dos mesmos ensinamentos. Eu pude perceber que a resistência desses povos está no sangue indígena que carregam, e

³ CIMI, “Em meio à pandemia, invasões de terras e assassinatos de indígenas aumentaram em 2020”. 28/10/2021. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/10/relatorioviolencia2020/>

⁴ Daniel Cerqueira (coordenador). Atlas da violência. Governo Federal, IPEA, 2020.

que eles compartilham algo que nós, brasileiros e brasileiras, perdemos há muito tempo – que é a conectividade espiritual com a Mãe Terra, com os seres vivos, com a natureza em geral. E parafraseando o pensador indígena Ailton Krenak, afirmo que “um dia o homem vai perceber que dinheiro não se come”.

Eu pude conhecer e entrevistar algumas dessas mulheres e registrar seus depoimentos. Por exemplo, Eva Jacu, cacique do povo Potiguara do Rio Grande do Norte, ecoa as vozes das milhares de mulheres que estiveram acampadas em Brasília, ao afirmar que:

A importância de nós, mulheres indígenas é dar continuidade à nossa origem que passa por gerações. Estamos aqui para dizer à esse governo genocida que não vamos desistir. Somos guerreiras e não desistimos nunca.

Merlane Tiryó, do Macapá, participou da primeira marcha, em 2019, e agora, grávida de 6 meses, ela reforça com emoção esse papel social da maternidade e o seu compromisso em gerar uma criança em meio a essa luta histórica do seu povo. Em suas palavras:

É a primeira marcha da minha filha dentro da barriga. Eu tô muito feliz. É uma menina, uma guerreira já. Ela já está fazendo parte deste acampamento e ano que vem ela estará também aqui em Brasília na luta.

Organizada por diversas organizações indígenas como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras

da Ancestralidade (ANMIGA), a deliberação do movimento foi de fazer com que essa marcha se transformasse em uma mobilização anual em Brasília, reunindo mulheres indígenas de diferentes partes do Brasil.

Eu gostaria de deixar nessa galeira muito mais do que imagens. Eu gostaria de registrar também, um conjunto de advertências. Primeiro, entenda, apoie e construa a luta indígena no Brasil e na América Latina. Desconstrua pensamentos coloniais sobre esses povos. Sinta a luta das mulheres indígenas. Entenda que o indígena nunca deixará de ser indígena se estiver nas universidades, no mercado de trabalho, no Congresso Nacional ou em qualquer outro lugar. Um ensinamento que aprendi na primeira Marcha das Mulheres, em 2019 foi que a luta que os povos originários travam pela demarcação de terras é uma luta de todos(x). Isso porque a nossa sobrevivência humana está ameaçada pela ganância, pelo capital e pelo poder. A defesa da Mãe Terra é, na verdade, a mãe de todas as outras lutas. E, nesse sentido são os povos indígenas que estão lutando na linha de frente pela sobrevivência de todos(x) nós.”

Naya Tawane, Brasília, 2021

A group of approximately ten indigenous women are standing in a line under a white canopy. They are dressed in traditional black and red clothing, including headbands with feathers and beaded necklaces. Many are holding long wooden staffs. The woman in the center has a white tassel necklace with the text "I ❤️ You". The woman on the far right has a white face mask. In the background, a man in a blue shirt and hat is visible. The scene is outdoors with trees and a clear blue sky.

**O marco temporal é
genocídio dos indígenas**



ÇAAS MULHERES INDÍGENAS

RESPEITE!

NOSSO POVO, NOSSA ANCESTRALIDADE, NOSSAS
TERRAS, NOSSAS HISTÓRIAS E CONQUISTAS















GOVERNO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

TREVO

TERRA PROTEGIDA

ACESSO INTERDITADO A PESSOAS ESTRANHAS
CONSTITUIÇÃO FEDERAL

BEM VIV
FESTIA
ES!
OCANTO



MADEIREIRO
SALLES

AS INDIGENAS
IMPORTAM

FORA PL 490
DEMARCAÇÃO

ASTA DE PL 490
DEMARCAÇÃO JÁ

NÃO DEIXEMOS
A NOSSA POMELO DE
ACCUM, NÃO DE
NGUE

FORA PL 490
MADEIREIRO
SALLES

ASTA DE PL 490
DEMARCAÇÃO

INDIGENAS

INDIGENAS
AÍ



LEVANTE PELA TERRA





SOM TODAS

DAIANE
KAINGANG

